

Anexos Cochim

ÍNDICE

INTRODUÇÃO HISTÓRICA ÀS TÉCNICAS

Bordado de Palha	4
Produção em fibras Naturais	6
Renda Fina	8
Trabalhos de retalhos (patchwork)	12
Trabalhos em Escama de Peixe	13

ASPECTOS TÉCNICOS

Bordado de Palha	15
Renda Fina	16
Produção em fibras Naturais	18
Trabalhos de retalhos (patchwork)	19
Trabalhos em Escama de Peixe	20

PERSONALIDADES

Artesãs

Maria Lúcia de Sousa	21
Eva Peixoto	21
Ana Batista	22
Dona Nazaré	23
Zélia Freitas	23

Entidades

Escola Artesanato de Santo Amaro do Pico	23
--	----

Inspirações

Vitório Nemésio	25
-----------------	----

MERCADO

Mercado de Oportunidades	26
--------------------------	----

OUTROS DESENVOLVIMENTOS

Etiquetas e Packaging	28
Ornamentação	28
Ilustração	29

INTRODUÇÃO HISTÓRICA DAS TÉCNICAS

Bordado de Palha

Os bordados, na sua totalidade, eram trabalhados típicos realizados no silêncio por mulheres em instituições religiosas ou por famílias seguidoras de um modelo familiar patriarcal. A partir da primeira comunhão, começava-se a fabricar o seu enxoval. No século XVIII, havia bordados exclusivos de classes sociais altas. Por outro lado, veio a servir como rendimento complementar das famílias de classe mais baixa.

O tão característico bordado de palha faialense em tule era também designado, no Arquivo Regional, como “renda de pita” pois nessa altura usava-se muito o fio de piteira (planta da família da aloé) mas, apesar da abundância de Piteiras na ilha, o fio para aplicação nos “trabalhos de agulha” vinha de Inglaterra e podia ser adquirido em meadas de fio tão fino como a linha. Já o tule, por si só, remonta às primeiras indústrias europeias no século XVIII que tentavam descobrir novas texturas. Este tecido que é uma espécie de fina rede de algodão ou seda muito aplicado nos vestidos de baile das damas da corte napoleónica, aparecendo bordado a ouro ou a prata. O uso de fibras vegetais na produção artística tem já longa tradição nos Açores sob a forma de cestaria, capacharia e chapelaria. Estes materiais vegetais, aplicados em bordado sobre o produto final exibiam uma extravagância jamais vista. A primeira peça documentada em bordado de palha nos Açores chega no século XVII em 1845 sob a forma de um chapéu de fabrico francês em seda preta enviado por um Mr. Harper, residente de Boston, para a sua irmã, D. Joana E. Ferreira, residente na Horta, para averiguar a possível produção destes bordados na ilha. Ela estudou a urdidura deste bordado e ensinou os seus conhecimentos às restantes bordadeiras, iniciando-se em 1850 a produção na região. Eram produzidas

mantilhas, romeiras, xailes, mantas de pescoço, lenços, véus, chapéus e vestidos de baile em tule de seda ou de algodão, branco ou preto, que através de dois tipos de pontos compunham motivos florais, figurativos e estilizados de finas tiras de palha de trigo dourada, dispostos simetricamente ao longo do tule, sendo o mais tradicional a espiga, ligados por fio extraído de uma piteira. Este trabalho era produzido de forma desenfreada para as classes sociais mais elevadas, as artesãs não possuíam tempo para produzir para si próprias. Foram largamente exportados para o estrangeiro, principalmente para os Estados Unidos, na sequência da vaga de emigração que decorreu no século XIX, e também por estrangeiros que faziam escala no porto da Horta na sua viagem para os Estados Unidos. Era um bordado de ouro praticamente gratuito e de fácil recolha, dizia-se. Esteve muito em voga nos anos 40 e 50, mas caiu em desuso na década seguinte com a introdução e crescente utilização do minimalismo no vestuário.

Com o passar do tempo os materiais tradicionalmente usados sofreram mudanças. O tule de seda ou algodão passou a nylon, alternativa mais baratos e de fácil acesso, mas também de qualidade inferior em termos estéticos. A palha de trigo de produção anual, vasta e comum, passou a ser pequenas culturas plantadas para esse propósito, tendo em conta o risco de não nascer nada ou de a cultura ser danificada por acção dos elementos, o que reduziu a quantidade de matéria prima acessível e de qualidade também inferior. O fio de piteira, relativamente fácil de obter, é substituído em muitos casos por fio de bordar, talvez por preguiça do artesão. Os próprios utensílios tradicionais de madeira ou osso de baleia, para os quais não existe substituição industrial, tornaram-se raros. Não é um produto que seja comercializado de forma regular tendo que ser encomendada a particulares, sendo que estes hábeis carpinteiros têm de estar dispostos a produzir tais objectos são cada vez mais raros.

Produção em Fibras Naturais

Este arquipélago possui uma vegetação variada, o que é um indício de um abundante armazém de matéria-prima gratuita, ou quase, mesmo à porta de casa. A actividade cesteira com as diversas matérias, arbustífera e garmíneas entre outras, disponíveis nas ilhas, regista-se desde o início do povoamento dos Açores. Estas fibras são obtidas da natureza - como por exemplo o uso da flora da macaronésia pelas suas capacidades tintureiras ainda presente na ilha do Pico - ou são um resultado indirecto da agricultura praticada, como o exemplo da palha ou plantas não nativas da área plantadas após a colonização que contribuem para a abundância da matéria-prima. Esta produção criativa está ligada a uma economia de subsistência, na qual o tipo de matéria acaba por definir não só objecto, mas como a técnica, influenciando assim a criatividade produtiva artesanal. A cestaria é basicamente uma técnica de entrelaçamento, historicamente, o seu produto final tem uma íntima relação com as actividades comerciais, a vida rural do campo ou do mar e para uso doméstico. Existe uma grande variedade de cestos para recolha de produção agrícola e venda em mercados e até mesmo no ócio profano e religioso. Cada cesto estava relacionado directamente com a sua função final, na sua forma e até na a escolha dos materiais. Há aspectos gerais da cestaria açoriana que estão presentes até hoje, como a preferência pelo vime como material, a cozedura em caldeiras vulcânicas, a técnica de “armar” e as características formais que imperam. O vime era plantado com a finalidade de servir como sebe para vedar e/ou proteger as lavouras e culturas. Era cortado no inverno (entre dezembro e fevereiro) e produzia-se ou dava-se a produzir, em caso de encomenda. Caso não tivesse matéria, pagava-se o trabalho ao dia, ou pela capacidade do cesto. Cada ilha tem a sua diversidade de tipologias diferenciadas das outras. Os regionalismos mais

comuns são cestos cuja forma depende inteiramente da sua funcionalidade final, como por exemplo os balaios, cesto em espiral cozida para a roupa ou o pão típico do Faial e Graciosa. No século XIX, surge a arte da confecção de mobiliário respondendo às necessidades do romantismo nas moradias de veraneio e jardins de inverno cujos utensílios utilizados são rudimentares, nomeadamente facas, agulhas, rachadores, entre outros. Em São Miguel, os cesteiros têm por tradição trabalhar sentados e descalços usando os dedos dos pés como gancho para agarrar o vime.

A Capacharia, outra técnica de manipulação de fibras vegetais, depende da riqueza natural e condicionantes económicas locais. O capacho, inicialmente destinado para secagem e transporte de cereais, entrou no uso doméstico e decorativo sob a forma de tapetes típicos de entrada das casas rurais antigas, produzido pelos seus habitantes. Possui tradicionalmente um lado entrançado e outro de textura rude. Era feito a partir espadana, de folha de milho* ou com folhas de dragoeiro*. Em termos técnicos, consiste numa trança de alguns metros na qual a cada volta se junta um novo elemento cujo ponta fica fora da trança criando uma textura de escova. Após uns quantos metros de trança, com um fio resistente e uma agulha de grande porte, a trança é enrolada e cosida pelo lado liso desta, existindo várias formas e dimensões. No caso das esteiraria e chapelaria, eram produzidas através de tranças cruzadas, e no caso dos chapéus, cozidas entre si. Estas tranças de junco ou palha tinham várias formas e elementos que definia a forma e grossura. Na minha pesquisa, consegui contabilizar doze entrançamentos diferentes. A maioria das diferenças está na quantidade de palhas na trança que pode ir de uma trança de quatro palhas até uma trança de dezasseis.

Renda Fina

Como nota prévia, estas rendas ou o denominado crochet artístico, são chamadas rendas do Pico e do Faial. Quem detém a sua posse é discutível e ponto de controvérsia entre entidades artesãs de ambas as ilhas. A verdade é que estas rendas surgem na ilha do Pico mas são comercialmente conhecidas através da ilha do Faial, tendo esta um porto comercial de mais relevância e ser cidade. Tendo em conta estes factos, a legislação atribui o mérito a ambas as ilhas, tornando as rendas de nome tanto do Pico como do Faial. Tendo em conta esta breve explicação quero fazer compreender uma origem conjunta, pois para falar destas rendas, tem de se incluir a sua história na ilha do Pico como parte de igual importância.

A renda como nós a conhecemos, surge no século XVI e deriva do bordado a crivo. Nos Açores, surge na ilha do Pico e do Faial há cerca de 104 anos, por mulheres cuja história omite o nome, e toma a forma de renda de gancho - conta a lenda que seria feita com ajuda dos ganchos de cabelo das rendeiras - ou como rendas de agulha, instrumento conhecido na região como farpa. Surge nesta época pois é aqui que aparecem as produções organizadas de rendas de farpa. Na década de cinquenta há um aumento desta actividade na região, devendo-se à restrição da emigração em 1920, fruto do grande êxodo que tinha existido no virar do século anterior. Este factor permitiu uma subida na natalidade local e do número de mulheres, o que se reflectiu no impulsionamento do sector nessa década. A actividade rendeira era um método de combater as dificuldades como sustento familiar. Nesta altura registavam-se cerca de 500 rendeiras no activo cuja ocupação era exclusivamente a produção de renda e estas mulheres constituíam o sustento económico de muitas famílias do sul do pico, na qual a freguesia de São Mateus detinha o maior centro de produção. Entre 1920 e 1960, a indústria caseira

de produção de renda era a actividade feminina dominante nestas ilhas, inclusivé, expandiu do Pico para as ilhas do Faial e São Jorge. Esta actividade, praticada regularmente, provocou uma reorganização do quotidiano familiar, os homens de família ocupavam-se das crianças, e outras actividades de caris feminino, à noite após um longo dia de trabalho enquanto as esposas rendeiras faziam serão com as outras rendeiras, outras esposas, gastando a noite para ganharem o dia, uns tostões para alimentar os seus. As filhas aprendiam nas escolas e em casa a dominar a arte muitas vezes antes dos dez anos e começavam a trabalhar com as mães e a contribuir para o sustento. Os serões tinham um carácter social demarcado, promovendo encontros, namoros. Alguns homens iam buscar as irmãs dias a fio e acabavam por namorar com as colegas destas. Na segunda guerra mundial comercializava-se muita renda sob a forma de blusas e luvas, no Café Peter's*, e aos estrangeiros que passavam na cidade da Horta, na ilha do Faial. O dono do Café Peter's* adquiria mensalmente ou quinzenalmente rendas produzidas no Pico para vender no seu estabelecimento. O comércio faialense geria grande parte dos contactos e vendas desta renda. Contactavam os barcos a vapor que atracavam na Horta, sendo civis ou militares, para vender o produto e tinham sucesso, sendo que estes barcos eram uma grande fonte de rendimento. As rendas eram exportadas do Faial para o Brasil, Argentina, México, Estados Unidos e Europa, o que promoveu o alargamento da produção à ilha do Faial, daí a falácia de que as rendas sejam oriundas do Faial ao invés do Pico. Surgiam mulheres empresárias que encomendavam trabalhos às rendeiras, que exportavam através de amigos ou vendiam directamente ao consumidor final. Eram mulheres que mandavam executar e que agiam como intermediárias, tendo como exemplo Isilberta Peixinho. Quando a produção começou a ser excessiva, integraram-se elementos novos na comercialização para as elites sociais: vendia-se a cacheiros viajantes para levarem

para Portugal, a taxistas pelo seu contacto directo com os turistas, a emigrantes que revendiam nos seus países de acolhimento e a membros do clero. Até se alimentou o contrabando para os Estados Unidos, embrulhada em folhas de chá, a renda desembarcava disfarçada de medicamento. Mas para tanta venda, existia por detrás uma produção desenfreada. Na altura as rendeiras recebiam as linhas para executar o trabalho, sendo pagas ao novelo. Na década de cinquenta um homem ganhava 15 escudos por dia, enquanto uma mulher rendeira ganhava 20 ou 22 escudos por novelo usado consoante a cor deste, cor crua ou branco. Tendo em conta que se usava um novelo na altura de linha número 100 ou 150* (o número indicativo de espessura nas especificações de marca que, segundo a artesã Ana Baptista, corresponde mais ou menos à linha número 30 da marca Coração, usada actualmente) um trabalho demorava uma semana a acabar. A linha era tão fina, quase como linha de costura, que para realizar um trabalho que consistia numa vira de lençol, necessitava-se de 5 novelos. Na década de 70 a actividade entrou em declínio com a emigração massiva e pelo fácil acesso à escolaridade secundária das jovens mulheres da época, abrindo novas oportunidades profissionais às mulheres, mas afectando directamente o número de rendeiras ao longo dos anos. Em 2004, existiam apenas 120 a 140 mulheres a produzir renda nas ilhas do Faial e do Pico, existindo no entanto só 23 inscritas no Centro Regional de Apoio ao Artesanato, 5 no Faial e 18 no Pico. Não obstante os fracos números, a produção de rendas continua a ser das actividades artesanais mais fortes em todo o arquipélago.

Hoje em dia, a mecânica da profissão é completamente diferente, perdeu-se o cariz social dos serões tendo-se transformado num trabalho solitário, feito apenas por prazer ou necessidade, ligando-se, no entanto, muito mais à qualidade do trabalho, sendo que existem entidades como o Centro de Regional de Apoio ao Artesanato que regularizam as actividades artesanais

de todo o arquipélago e identificam os artesãos, que seguem estas regras, como artesanato demarcado. Como artesanato, a renda fina do Pico e Faial é um crochet artístico, hoje feito em linha número 30 da marca Coração, no qual se distinguem os seus motivos essencialmente ligados à natureza e a ligação entre os seguintes elementos: rosas de amora, folhas de faia, amores-perfeitos maracujás, dalias, gerânios, parras, rosas, panos de moinho, margaridas, rosas de caracóis, hastes de carneiro, entre muitos outros com nomes ligados às suas inventoras como a flor de Maria Palmira. Estes elementos eram ligados cuidadosamente e com homogeneidade, para evitar misturas de elementos mais apertados com outros mais laços, por um conjunto de pontos, gregas* ou caseado rigorosamente contados até adquirirem a forma pretendida sem enfoliar, formando trabalhos complexos. Antigamente cada rendeira especializava-se em um tipo específico de elemento objectos surgem numa classe pobre trabalhadora, em que produtos industriais como roupa (imperava a roupa manufacturada, sendo escassa a sua versão industrial) duravam uma vida por não haver dinheiro para adquirir mais, e mesmo quando esta se rasgava era remendada para uso continuado. Só quando não permitia mais uso é que era desmanchada cuidadosamente pelas costuras, convertendo-se em panos da loiça ou outro produto têxtil de foro familiar. Era utilizado cada pedacinho de tecido não havendo margem para desperdícios.

Trabalhos de retalhos (patchwork)

Os trabalhos de retalhos, chamados de forma como pelos tempos modernos como Patchwork, são objectos peculiares e embora tradicionalmente evocamos as mantas ou colchas para uso doméstico tal como elementos que seriam exibidos à janelas das casas de populares no dias festivos. Mas os objectos cuja esta técnica constrói não são só necessariamente mantas ou colchas

mas eram e são todo um conjunto de objectos de uso doméstico ou pessoal.

É uma técnica de origem rural de gosto popular, feitos pelas donas de casa como uma forma “antiga” de reciclagem. Profundamente relacionados com uma época de condicionalismos económicos, menos afortunada em termos materiais. Estes objectos surgem numa classe pobre trabalhadora, em que produtos industriais como roupa (considerando que alguma era industrial, pois muita era feita em casa) duravam uma vida por não haver dinheiro para adquirir mais, e mesmo quando esta se rasgava era remendada para uso continuado. Só quando não desse mais para vestir era desmanchada cuidadosamente pelas costuras, convertendo-a em panos da loiça ou outro produto têxtil de foro familiar. Eram utilizados cada pedacinho de tecido, não havia desperdícios, pois cada pedacinho dava para alguma coisa.

Esta “técnica” não segue regras particulares, aspecto formais, tipologias ornamentais nem técnicas específicas, só um princípio básico de aproveitamento de restos de tecidos. Esta forma de trabalho tem liberdade e uma variedade estética característica. A sua organização é facultativa, depende do gosto pessoal da dona de casa, de quem lhe ensinou. São texturas e padrões diversos em composições geométricas ou alinhatorias. Pode ser triângulos, quadrados, organizados em padrões e desenhos elaborados específicos ou simples. Podem apresentar bordados ou revelo construído com o tecido. A costura entre as peças poderia ser feita de forma assumida ou não, mecanizada ou não. Esta última, já impera outras questões de evolução tecnológica na região de gerações anteriores, temos de ter em conta que nem toda a população teria dinheiro para comprar uma máquina de costura. Sendo assim ainda perdurou a costura a mão destes objectos por algum tempo. À mão a costura tinha a tendência de ser feita em ponto cruz contornando cada pedaço de tecido.

O como seria o produto ou a finalidade deste dependeria muito do seu uso final, da necessidade familiar e imaginação da dona de casa. Com a evolução da condição feminina face ao trabalho o típico título de dona de casa foi-se alterando, enquanto antigamente havia serões onde fazia-se algum trabalho manual para enriquecer a casa, agora, a sociedade feminina emancipada, trabalha fora de casa ou tem actividade lúdicas. Este género de trabalhos, mesmo continuando no nosso subconsciente passa a ser um trabalho de artesã, muitas vezes costureiras, que compram tecidos novos para estes produtos. Só neste ato há uma subversão involuntária ao que verdadeiramente este trabalho era, mas necessária nem que seja para sua compreensão.

Trabalhos em Escama de Peixe

As flores artificiais estão presentes na cultura açoriana até aos dias de hoje em diversos locais e numa imensa variedade. Quando pensamos nestes tipo de trabalho pensamos em trabalhos femininos pelo seu carácter estético tal como os bordados e a renda. São trabalhos realizados por hábeis mulheres pobres que, na sua maioria, aproveitavam materiais excedentes da sua vida rural e piscatória para realizar trabalhos elaborados, arranjo de flores para enfeitarem as suas casas e locais religiosos. Flores feitas de folha-de-flandres, escama de peixe, casulos de bicho-da-seda, penam, tecidos, casca de alho e cebola, folha de dragoeiro e folhas de milhos.

As flores de papel, também chamadas como flores de freira, foram as primeiras a criadas dentro do leque de flores artificiais que existe nos Açores. Este nome, flores de freira, demonstra que este tipo de trabalho é um trabalho de origem conventual, e que os conventos responsáveis pela passagem do conhecimento destas técnicas à populações das ilhas. Até como foi referido a integração do artesanato no culto religioso vem em grande parte

das ordens conventuais que se instalaram nas ilhas e que na sua dissolução e expulsão da região proporcionou um evento único no qual as freiras locais regressavam as suas casas continuando os labores ensinando às jovens as mais diversas formas de artesanato. A evolução de materiais utilizados abre o leque de aplicações e diferenciações estéticas. Estão presente como elementos em vários tipos de obras artesanais presentes no arquipélago, tanto religiosas tais como os andores e registos de Santo Cristo, como profanas como as redomas ou quadros decorativas. No caso da escama de peixe, cujos trabalhos são essencialmente flores, à uma combinação do conhecimento conventual a um factor geográfico, a comunidade açoriana é essencialmente litoral. É o aproveitamento de um resto que de outra forma não é aproveitado no simples processo de arranjar um peixe. As escamas de tainha, veja, roraz, pargo, todo o peixe cuja escama seja grande o suficiente para trabalhar, são lavadas, escolhidas e, com o auxílio de um fio Canotilho de prata ou dourado, são aglomeradas em formas vegetalistas essencialmente florais. Faz parte da tradição estendida por todo o arquipélago, ganhou folgo na década de 80 com o desenvolvimento crescente do turismo da região. Surgem novas formas e tipologias foram introduzidas para satisfazer o mercado do souvenir. Hoje são composições cromáticas ou branqueadas sobre a forma de produtos decorativos mais tradicionais como arranjos florais em redomas de vidro, solitários ou molduras, como composições mais modernas e funcionais como alfinetes de peito, e mais recente ainda, brincos e colares. Respondendo à exigência do mercado actual que pede utilidade como desculpa as novas respostas estéticas, e até a introdução de novos elementos para redução de custos, como contas para simular os estames das flores, que antes era representado por pequenas acomodações de Canotilho no centro da flor.

ASPECTOS TÉCNICOS

Bordado de Palha

UTENSÍLIOS DE TRABALHO

- Rachadores
- Furador
- Dedeira
- Tesoura

MATERIAL DO BORDADO

- Palha de trigo ou centeio
- Tule de algodão ou nylon branco ou preto
- Fio de piteira

MATERIAL DE DESENHO

- Papel de arquiteto (papel craft e papel vegetal)
- Pano-cru

PONTOS

- Ponto granito: O ponto de tipo “nó francês”, representa nós que se obtêm efectivamente com o manejo da agulha e que se assemelham texturalmente a grãos: apropriado para obter o efeito de salpico, é executado fazendo girar a agulha duas vezes.
- Ponto folha: ponto de tipo recto usado para vários efeitos é um elemento de pontos oblíquos. A sua produção depende da orientação do trabalho.
- Recorte picotado no remate;

ORNAMENTAÇÃO

- Elementos vegetais.
- Figuratividade estilizada.

CONTRA-INDICAÇÕES

-Não pode ser lavado em água

Renda Fina

UTENSÍLIOS DE TRABALHO

-Farpa tradicional ou farpa industrial de 0.06

-Gancho

-Proteção para o dedo indicador

MATERIAL

-Linha coração nº 30

TÉCNICA

-Caseado

-Ponto caçador

-Ilhós

-Grega

-Amora

-Dedálea

-Etc..

ORNAMENTAÇÃO

-Vegetalista

Produção em fibras Naturais

UTENSÍLIOS DE TRABALHO

-Rachadores

-Furador

-Dedeira

-Tesoura de podar

-Faca

MATERIAL

-Palha de trigo ou centeio

-Vime

-Junco

-Folha de milho

-Bambu

-Espadana

MATERIAL DE DESENHO

-Molde para esteiras: tábua com pregos alterados em dois dos lados para ajudar o cruzamento e definir o tamanho.

TÉCNICA CESTEIRA

-Técnica de espiral cozida: juntar pequenas porções de palha dispostas em rolo ligadas por linhaças a partir do centro da peça, numa construção em espiral adicionando progressivamente novos elementos e fixando cada nova volta a anterior através de pontos cozidos. Uma técnica pouco corrente nesta ilha, não existindo já muitos artesãos com conhecimentos desta técnica (não encontrei nenhum), mas pelo que pude apurar a ilha do Faial tinha, antigamente, um tipo de cesto nesta técnica tradicional, o Balaios.

-Técnica de entrecruzado: disposição de elementos passivos – os montantes - perpendicularmente entrecruzados por elementos activos- a trama ou teçume. É uma técnica recente e pode ser observada em todo do arquipélago. A maior parte dos produtos de cestaria que se ainda se pode adquirir actualmente ou que estão presentes na vida rural e religiosa são concebidos através desta técnica.

-Técnica de entrançado: usa materiais dúcteis, organizados a partir de três elementos sempre na base de unidade ímpar em tira mais ou menos largas, subsequentemente unem-se por cruzada para construir uma trança que posteriormente é usada para

outros trabalhos sendo cosida ou cruzada entre si. Técnica muito usada para construção de esteiras ou capachos para secagem e transporte de cereais e como tapetes, ou entrançados de palha para chapéus.

TRANÇAS

- Trança esteirinha: 2 tipos
- Trança coração: 2 tipos;
- Trança repassada: 11 palhas; 7palhas; 5 palhas
- Trança alecrim: 14 palhas
- Trança de bicos: cinco palhas;
- Trança de bicos de serra: quatro palhas;
- Trança 11 palhas
- Trança 7 palhas
- Trança 5palhas

ORNAMENTAÇÃO

- Tinturaria

CONTRA-INDICAÇÕES

- Aconselhada a realização dos trabalhos em fibras naturais em dias húmidos para a fibra não partir durante a realização do trabalho, no caso do junco pode optar por passar um pano levemente molhado caso não seja possível.
- Após a cozedura dos vimes cuidado para não secarem, no entanto, tempo excessivo em estufa pode induzir à proliferação de bolores.

Trabalhos de retalhos (patchwork)

UTENSÍLIOS DE TRABALHO:

- Kit de costura: agulhas; tesoura; linha; alfinetes; dedal;
- Máquina de costura (opcional)

MATERIAL

- Tecidos (tipologia, textura e cor opcional)
- Linha (cor opcional)

TÉCNICA:

- Opcional

ORNAMENTAÇÃO:

- Opcional

CONTRA INDICAÇÕES:

- Evitar tecidos elásticos caso a costura seja em máquina de costura;
- De preferência alinhar as partes antes da costura definitiva;

Trabalhos em Escama de Peixe

UTENSÍLIOS DE TRABALHO:

- Tesoura
- Cola
- Material:
- Escama de peixe
- Canotilho (ou spiralina)
- Contas

ORNAMENTAÇÃO:

- Floral, normalmente flores de jardim

CONTRAIINDICAÇÕES:

- Coloração da escama produtos naturais não perde a cor com tanta facilidade

PERSONALIDADES

ARTESÃS

Maria Lúcia de Sousa

Esta senhora de já alguma idade e uma das duas artesãs certificadas pela secretaria, sendo ela a mais antiga. Ganhou prémios de artesanato a nível nacional e, inclusive, foram-lhe encomendados trabalhos para personalidades nacionais e internacionais.

Começou a trabalhar aos 13 anos no bordado de palha na Praia do Almoxarife com a sua mãe. Lá ficaram durante três anos até começar a trabalhar em casa com as suas irmãs. Havia concorrência entre freguesias, Ribeirinha, Feteira, Praia do Almoxarife, Cedros. A regra assentava na premissa de que “quem mais fazia mais ganhava”. Nessa altura produzia-se muito para comércio e para o estrangeiro, chegando mesmo a trabalhar para Isilberta Peixinho entre outras empresárias de indústrias caseiras. Trabalhava-se todos os dias se necessário, a procura era muita e de quinze em quinze dias havia encomendas, de barco a barco enviava-se remessas com o máximo de produção que se conseguia e as vendas eram avultadas. Nessa altura o bordado via-se mais em palha do que em tule, o que define as suas preferências actuais. Os seus utensílios de trabalho acompanham-na à vários anos, desde a rachadeira com mais de cinquenta anos feita pelo seu pai. Ela ressentia a mudança dos materiais, naquela altura plantava-se trigo por toda a ilha e as bordadeiras escolhiam o que queriam, trabalhando em tule de algodão, ao passo que o tule de nylon se lhe afigura como uma opção terrível.

Maria Lúcia de Sousa dá aulas a particulares, em parceria com a secretaria, tendo já ministrado cursos de formação em bordado de palha na antiga escola de artesanato do Capelo na ilha e work-

shops em São Miguel. Revela-se uma tutora exigente, defensora de uma feitura manual meticulosa e da constante aprendizagem, defendendo que nunca se atinge a mestria total.

Eva Peixoto

Desde a infância que Eva Peixoto nutre uma apetência para este tipo de trabalhos, tendo fabricado o seu primeiro capacho para a escola. Iniciada na arte pela família, cada membro trazendo uma técnica nova, aprendeu vimes com o pai, entrançados com a mãe e a avó, e trabalhos em linhaças (cobrir garrafas em vime) com o tio. Aos 25 anos, iniciou uma aprendizagem mais séria sobre a produção em fibras vegetais, realizando vários pequenos cursos de aprendizagem de novas técnicas de cestaria. Num desses cursos aprendeu a fazer a condensa, cesta essa que há muito queria aprender mas não conseguira por falta de artesãos, fazendo parte das suas preferências pessoais estéticas e processuais. Chegou a dar cursos na esperança de dar continuidade à actividade, no qual observou que não havia muito interesse por parte dos seus alunos em continuar. Considera que, para alguém se dedicar a esta arte têm que lhe ter gosto genuíno, de outra forma mais vale desistir, porque não se consegue viver só do rendimento que se recebe sendo cesteira. Recorda que “no seu tempo” se vendia muito nas feiras da ilha, tendo assistido à queda das vendas. Eva Peixoto faz capacharia, cestaria em vime, bonecas em folha de milho e esteiras com trança de 7 palhas de junco.

Ana Batista

Empresária de rendas e rendeira certificada à cerca de dez anos, a única da ilha do Faial. Faialense com descendência da ilha do Pico, o maior centro de produção de renda, Ana Batista não sabe ao certo com que idade começou a aprender a arte da

renda. Viveu no meio das rendas e de rendeiras, era a mais nova de quatro irmãs, todas rendeiras que tinham aprendido a arte com uma senhora da Freguesia dos Flamengos, na ilha do Faial. Cedo aprendeu os pontos e nas férias da escola produzia para renda para venda. A sua mãe recordava-lhe que aos oito anos tinha vendido a sua primeira peça e na 4º classe já fazia luvas que eram os trabalhos que na época eram mais bem remunerados. Continua a realizar trabalhos, mas trabalhando para outrém, empresárias das rendas que servem como intermediários para o consumidor final. Participou em feiras nacionais e regionais e é uma presença assídua na maior feira de São Miguel há 12 anos, e na FIIL de Lisboa. O seu trabalho chegou a ganhar prémios nacionais. Hoje recebe encomendas e vende pequenas peças e, por vezes, encomenda elementos a rendeiras com talento anónimas para ajudar nas encomendas, seguindo um pouco o modelo de empresária. Na questão polémica da pertença das rendas, causa de rivalidades entre ilhas, ela defende que no Pico sempre houve mais rendeiras pois havia mais dificuldades de arranjar emprego, e que a emigração faialense, como consequência da erupção do vulcão do Capelinhos na ilha, contribuiu para uma diminuição abrupta das rendeiras da ilha, contudo, era no porto do Faial que os contactos comerciais eram feitos para exportação.

Dona Nazaré

Neste caso, sendo um trabalho ligado à vida de dona de casa seguidor os parâmetros mais antigos com algumas características de famílias de sistema patriarcal, decidi redcorrer a uma dona de casa. Nazaré sempre almejou ser costureira mas nunca conseguiu realizar esse sonho, contudo, costurava roupa para os filhos com a máquina de costura em segunda-mão que o seu pai lhe dera, na altura em que as máquinas era um bem raro e caro. E

como qualquer dona de casa da altura, aproveitava cada pedacinho de roupa velha para fazer tapetes, colchas e almofadas. Chegou a receber encomendas do seu trabalho e relembra a mãe, com quem aprendeu o ofício quando, à janela, costurava os restos de tecidos da casa para uma nova vida.

Zelia Freitas

Trabalha para o museu da Horta á vários anos sendo artesão no tempo que lhe resta. Em 1988 davam-se formações em escama numa sala do museu, tinha como habito visitar e observar as estudantes a trabalhar com o intuito de aprender algo com possuía interesse pela técnica. As alunas do curso ensinaram o como se fazia os trabalhos em escama e a medida que repetia o processo e aprendia descobriu o gosto pela área e que efetivamente tinha jeito pela área. Nesse mesmo ano usou a técnica para angariar algum dinheiro para ajudar a pagar o seu casamento. Nessa altura o este tipo de trabalho era rentável, inclusive expos as suas peças para venda no próprio museu, como já vendiam algum artesanato lá. Foi criando e inovando as suas criações criando novas formas, introduzindo a bijuteria no seu repertório, experimentando processos como colorir das escamas, preferindo até os trabalhos pintados.

ENTIDADES

Escola Artesanato de Santo Amaro do Pico

A Escola de Artesanato de Santo Amaro na ilha do Pico foi fundada em 1986 pelas irmãs gémeas Conceição Neves e Alzira Neves sendo hoje a única escola de técnicas artesanais em funcionamento como tal na região autónoma dos Açores. Conceição e Alzira Neves desde crianças faziam produziam

artefactos artesanais a partir de técnicas artesanais que aprenderam com a mãe que lhes ensinou tudo o que sabia. Passavam serões com a mãe pois naquela altura não havia as distrações de hoje. Com o tempo começaram a criar mais.

Trabalharam sempre estas técnicas e começaram a criar grupos de ensino/produção no centro paroquial da freguesia, salões e numa casa particular, juntando grupos de pessoas de várias freguesias da ilha. Sentiram necessidade de criar um centro, uma escola, que ficou sediada numa casa de família recuperada. Composta por dois edifícios com sala museu com as peças que não estão à venda, salas de ensino e loja. Atualmente a escola está aberta todos os dias, se necessário e dá formações em diferentes áreas dentro das artes praticadas na ilha, miolo de papiro, escama de peixe, bordados, bonecas velhinhas e de palha, entrançados de palha, entre outros. Através de protocolos com as câmaras municipais e governo regional, são organizadas formações e workshops variados com bastante afluência de locais, pessoas de outras ilhas, continentais e estrangeiros, de todas as idades. Os workshops normalmente, especialmente para locais, são em horário pós-laboral, dando preferência a turmas pequenas (6 pessoas), são gratuitos e os materiais são fornecidos pela escola (até à data da entrevista, estão a pensar a mudar o modelo de completa mente gratuito só para quem traz o seu próprio material contribuindo apenas quem usa o material da escola). A área de formação a transmitir, muitas vezes, é escolhida pelos alunos dentro do leque variado existente. Neste momento os alunos que recorreram à escola têm preferência por aprender a trabalhar com palha. A escola é visitável e fazendo mesmo parte do roteiro turístico da ilha do Pico e tem uma loja de produção própria. Tendo esta desde produtos tradicionais como inovações próprias até alguns materiais. Apostam em pequenos produtos de pequeno porte considerando estes maior fonte de rendimento, tais bijuteria em palha e escama de peixe.

INSPIRAÇÕES

Vitório Nemésio

Poeta, escritor e intelectual nascido nos Açores, na ilha Terceira, destacou-se como romancista enquanto autor de *Mau Tempo* no Canal. Criador do termo Açorianidade, neologismo publicado pela primeira vez (artigo “Açorianidade”) na revista *Insula* nº8 de 1932 (Ponta Delgada), aquando da polémica Comemoração do V Centenário do Descobrimento dos Açores, para descrever a condição histórica, geográfica, social e humana de se ser açoriano. Quase toda a obra de Nemésio reflete sobre o conceito da Açorianidade e consequentemente sobre o seu passado como ilhéu. No seio da Psicanálise, a infância simboliza o paraíso individual, no caso de Nemésio, o atlântico representa o oásis da sua infância. É de Nemésio que provém a nomenclatura que define o isolamento açoriano, as “almas cativas”.

MERCADO

Mercado de Oportunidades

O artesanato resume características que são consideradas desejáveis para a nossa sociedade de consumo actual. A necessidade pela personalização e exclusividade, mais do que a fidelização a marcas. A busca pela autenticidade com o aumento da vigilância sobre as consequências, canaliza o consumidor para a valorização da criação manual, dando assim primazia a produtos e marcas que minimizem o impacto ambiental ou promovam o comércio justo. A habilidade humana assume-se como uma das grandes e motivações para a compra de artesanato, conferindo admiração aos seus criadores por simplesmente não perceber o processo de fabrico tornando o objecto valioso. Há uma oportunidade para a recolocação do artesanato em nichos de mercado específicos, através de uma inserção e devida divulgação de novos tipos de matéria-prima de qualidade, bem como possibilidade de atrair um novo grupo de consumidores de bens de luxo movidos por questões éticas, criando a descoberta da ampla gama de benefícios na compra de artesanato, incluindo o benefício da aquisição de peças únicas. Construir novas experiências para clientes habituais, canalizando o interesse pelas histórias do produto e do produtor através de uma dissecação das origens do objecto, a sua proveniência geográfica, o seu executante e as técnicas de produção. Reconectar o consumidor e produtor para a feitura de projectos personalizados, criando a oportunidade de escolha entre uma produção pré-feita e a discussão do processo para um novo objecto, bem como a criação de novas perspectivas sobre a disciplina, como a abertura das oficinas artesanais ao público. Existe uma necessidade para o investimento em plataforma de divulgação, venda online, sensibilização e educação do consumidor para a autenticidade dos recursos locais largamente disponí-

veis através de sistemas de distribuição globalizados, bem como um mercado mais amplo. Para estabelecer um mercado fiável é necessário identificar as oportunidades de negócio movidas pela análise das tendências da sociedade consumidora. Não podemos ignorar que o consumidor está a restringir o seu consumo e o artesanato terá de demonstrar o seu potencial como forma eficaz de satisfação das suas necessidades.

OUTROS DESENVOLVIMENTOS

Etiquetas e Packaging

No seguimento da sobriedade da vertente gráfica que apoia o trabalho, as etiquetas e possível packaging são essenciais para uma correcta identificação e divulgação dos valores da marca. Nas etiquetas, ditas “gerais” funcionando para a maioria dos produtos, contendo toda a informação que considero essencial para a compreensão do produto e aquela que se refere a questões educativas.

Outra tipologia de etiqueta apresentada consiste na sua aplicação têxtil, possuindo apenas um elemento identificador da marca.

No caso das e correias de pescoço, este elemento identificador já está incluído no produto, não sendo necessária a inclusão das etiquetas têxteis. Por questões formais e de acondicionamento óptimo, produtos como botões e correias de pescoço terão uma apresentação comercial diferente, apresentando etiquetas de desenho específico.

De forma geral, as etiquetas de papel são compostas por papel de coloração envelhecida e reciclada e uma estética simples, partindo estas características de uma ideia de sustentabilidade e vintage que está subjacente ao produto e aos valores da marca.

Ornamentação

Para conceder um carácter temática, bem como a possibilidade da introdução de colecionáveis e linhas promocionais à marca Cochim, decidi enquadrar como temática ornamental a flora endémica da região autónoma dos Açores. Esta mistura não só vai de encontro aos meus interesses e ideais sobre a entidade

cultural e ambiental açoriana, como também me pareceu apropriada dentro do conceito do próprio endemismo. Podemos considerar que, apesar de muitas das tipologias artesanais presentes nos Açores não serem únicas no mundo o isolamento nestas ilhas moldou a sua produção como moldou a sua flora. A passagem de rotas comerciais, a mentalidade da sociedade e a matéria-prima disponível criaram diferenciações, quer nas necessidades como nas suas soluções. Sendo assim, podemos concluir que o conceito de endemismo está presente na flora local tanto quanto nas técnicas artesanais praticadas no arquipélago. Esta representação gráfica será uma forma de divulgação e aprendizagem dupla das características endémicas da região, técnicas artesanais e flora, como forma de sensibilização para problemáticas ambientais e sociais.

A flora do arquipélago dos Açores pertence ao grupo de flora da macaronésia que inclui também os arquipélagos da Madeira e Canárias. É uma flora rica com o grau de endemismo mais elevado da Europa e é um dos centros de biodiversidade com mais impacto mundial. Existem diferenças de flora entre as ilhas, devendo-se principalmente a razões climáticas, como as diferentes percentagens de precipitação. A acção humana, como a deflorestação para campos de pastagens e construção e a propagação de plantas infestantes, contribuem para a diminuição do território de floresta nativa. As ilhas do Pico, Terceira e Faial possuem as maiores extensões de área florestal nativa. Algumas das espécies endémicas únicas estão em risco de extinção ou vulneráveis.

Ilustração

Para a exploração gráfica recorri à ilustração científica pelas suas características de desenho realistas e concretas. Embora já existam ilustrações destas plantas, surgiu a oportunidade de trabal-

har em parceria com uma ilustradora e designer gráfica, Diana Neves, obtendo assim ilustrações adequadas ao meu propósito. O facto de o desenho ser para um fim de divulgação permite mais liberdade de concepção, exigindo apenas que seja realista e facilmente perceptível de forma a que o consumidor consiga identificar a planta sem os pormenores escrutinosos, tornando o desenho mais simplificado. Através de uma pesquisa sobre padrões florais variados, é possível observar que seria mais vantajoso proceder à ilustração de uma planta inteira. Tendo em conta que a finalidade das ilustrações é a estampação têxtil definiu-se a técnicas de desenho a utilizar sendo processo de pontilhismo com tinta-da-china que se sobressaiu. Para esta exploração na temática de tese escolhi uma única planta, Azorina Vidalli, ou vidalia*. A escolha deve-se aos diversos elementos que compõem a graciosidade da planta em si. Para a aplicação têxtil, simulei virtualmente vários padrões que representem a planta na sua totalidade em vez de a fragmentar para uma melhor percepção da forma, uma vez que o objectivo da ornamentação têxtil será educativa.